



# UMA ALIANÇA ESTRATÉGICA

ESTUDANTES E TRABALHADORES :

REFLEXÕES SOBRE A CRISE DA UNIVERSIDADE E O MOVIMENTO ESTUDANTIL



## Ricardo Festi Marcelo Torres

### INTRODUÇÃO

No momento em que escrevemos esse artigo o governo Lula alcança patamares históricos de popularidade, com aprovação em todos os setores sociais e regiões. A educação é um dos pontos melhor avaliados, apesar de o movimento estudantil ter protagonizado uma série de lutas e seguir travando algumas duras batalhas que recolocam os debates sobre qual estratégia e programa deve

adotar. Ao mesmo tempo, se desenvolve uma crise econômica no coração dos EUA de proporções comparadas por vários analistas às de 1929, alastrando incerteza, quando não o pânico, e mostrando não apenas a decadência do neoliberalismo, mas do próprio capitalismo. A origem de novas crises políticas e sociais tende a acelerar os tempos, abrindo caminho a novas rupturas com a ordem vigente a partir da ação das massas.

A ideologia dos 90 de fim da história, do triunfo do capitalismo, do fim do trabalho e da classe operária enquanto sujeito revolucionário, diz às novas gerações que só lhes resta a resignação. Esta ideologia influíu na universidade, tanto na produção de idéias como no movimento estudantil.

É nesse cenário que queremos aportar para a formação de um movimento estudantil disposto a superar a "miséria do possível", que se constitua como força política capaz de intervir na realidade nacional, compreendendo a transformação da universidade como parte da transformação da sociedade. Para esta grande tarefa, não partimos do zero, mas das lições das derrotas e vitórias de mais de um século de luta que não podem ser assimiladas pela leitura de manuais, mas somente por sua própria prática.

Partimos de questionar a universidade como instituição de classe, e o conhecimento produzido aí como ideologia para sustentar um sistema de dominação, para lutar por uma universidade a serviço dos trabalhadores. No entanto, este programa não terá respaldo numa grande parcela dos estudantes se não vier acompanhado de bandeiras transitórias, partindo das reivindicações mais

### A UNIVERSIDADE (DE CLASSE) E A LUTA DE CLASSES

Imediatas ligando a esta e outras questões estratégicas. Esperamos contribuir para que os novos ativistas que começam a atuar se coloquem a tarefa de construir um movimento estudantil combativo, auto-organizado e pró-operário na luta por uma universidade a serviço dos trabalhadores e contra a sociedade de classes. Tarefa que só pode ser levada adiante de maneira consequente com uma luta teórica e ideológica por recompor o marxismo como um guia para a ação revolucionária.

A universidade burguesa surgiu da necessidade de superação dos limites da velha ciência artesanal e limitada pela falta de meios de produção que surgiam com a burguesia. Sua função social neste início era formar uma pequena camada de futuros ideólogos burgueses, os dirigentes desta sociedade em ascensão.

Com o aprofundamento da divisão entre trabalho manual e intelectual, e com o surgimento do padrão de acumulação fordista/taylorista, as universidades ganharam destaque na criação de conhecimento voltado para o capital. Foi no boom do pós-guerra (até o fim dos anos 60), que o número de universitários do mundo triplicou, passando a ter a pequena-burguesia como maioria estudantil. As universidades públicas passaram a ser a última etapa na capacitação de intelectuais imprescindíveis à manutenção da dominação burguesa, desde as tradicionais profissões liberais (advogados, médicos, arquitetos, etc), aos novos técnicos e engenheiros vinculados diretamente à produção, aos profissionais das ciências econômicas que se multiplicam com a expansão da economia especulativa, aos intelectuais criadores de "verdades" das ciências humanas. Com o fim do boom, este modelo começa a entrar numa crise que se estende até hoje.

Mesmo esta massificação da universidade, desigual em cada país, não mudou qualitativamente a marginalidade da classe operária em relação à universidade. Esta situação foi bem ilustrada pelos estudantes de Paris em 68: "nos reformatórios e nas prisões 95% de filhos de operários, nas universidades somente 5%". Isso num país como a França! Mesmo assim, as contradições da universidade a colocam como um espaço que deve ser disputado. Há uma contradição latente entre o conhecimento acumulado e a



## RESGATANDO E REPENSANDO AS DEFINIÇÕES MARXISTAS CLÁSSICAS SOBRE O MOVIMENTO ESTUDANTIL

não podem se desenvolver plenamente sob as amarras que o capital coloca ao progresso da ciência.

As transformações na universidade no século XX exigem essa reflexão. Primeiramente, devemos definir "movimento estudantil". Estudante é a descrição de uma determinada atividade transitória e não determinante (no sentido de não obrigatoriedade como o trabalho para viver) de um indivíduo. Movimento estudantil se refere à atuação coletiva destes indivíduos como sujeito político numa determinada situação histórica.

O marxismo já havia caracterizado o papel político dos estudantes como amplificador de contradições sociais. Isto se devia a sua heterogeneidade de classe (burguesia e pequena-burguesia) e pela própria atividade dos estudantes, isto é, o exercício intelectual de análise abstrata da sociedade, que os torna mais sensíveis a crises e mudanças. No início do século XX, os estudantes eram uma pequena fração da sociedade, que mantinha frente à sociedade uma relação de "pirâmide invertida", como a definiu Lênin. Da mesma caracterização partia Trotsky para defini-lo como "caixa de ressonância":

*Nos estudantes, se reflete com toda potência, exatamente como numa caixa de ressonância, os interesses e aspirações sociais gerais das classes de que provêm. No curso de toda história – tanto em seus momentos heróicos, como nos períodos de apatia social – os estudantes europeus foram mais que o barômetro sensível das classes burguesas. Fizera-se ultra-revolucionários, fraternizaram-se sincera e honestamente com o povo, quando a sociedade burguesa não tinha outra saída sendo a revolução. Substituíram de fato a democracia burguesa quando a mesma colocou-se à frente da revolução, como sucedeu em Viena em 1848. Mas os estudantes metralharam os operários em junho do mesmo 1848, em Paris, quando a burguesia e o proletariado se encontravam em lados opostos da barricada. (...) Em todas as manifestações históricas, incluindo as mais desagradáveis, os estudantes revelaram sentido político, capacidade de sacrifício e idealismo combativo (...)* O

resolução de problemas elementares da sociedade, o que se dá pelo limite imposto pela lógica do capital que submete esse conhecimento meramente à sua reprodução. Por sua vez, isso é um reflexo da contradição entre as relações de produção e as forças produtivas; entre uma sociedade onde o trabalho é cada vez mais social e coletivo, assim como a produção de seu conhecimento, mas sua apropriação é privada. Portanto, a universidade burguesa é moldada, em suas diferentes épocas, pelas mudanças ou

Porém, estas transformações não acontecem de forma mecânica, ao bel prazer da burguesia. Assim como a realidade não pode ser reduzida a leis estáticas, os distintos processos históricos devem ser estudados dando-se conta das contradições e mediações que apresentam, em seu dinamismo e em seu desenvolvimento histórico. As mudanças na universidade estiveram condicionadas a fatores externos que condicionam a política dos capitalistas.

É a luta de classes a principal determinante destas transformações. A luta da burguesia por manter sua hegemonia sobre as demais classes se definiu por diferentes estratégias. Quando o proletariado se levantou contra o capitalismo e foi derrotado, em seguida, a burguesia buscou novas formas de manter seu domínio, seja deslocando espacialmente as fábricas, o capital de um ramo a outro, por mudanças tecnológicas e organizacionais na produção, pela repressão, fragmentação ou cooptação.

Quando a classe operária impõe limites à exploração de mais-valia absoluta, a produção de ciência e tecnologia aumenta sua importância na exploração de mais-valia relativa. Esta produção científica terá no século XX a universalidade como sua principal aliada, centralmente após as duas grandes guerras, quando o fordismo/taylorismo se expandiu para o conjunto do mundo ocidental. É aí que a universidade cumpre um papel chave para a burguesia. Portanto, a luta contra a propriedade privada dos meios de produção passa também pela luta contra a apropriação privada do conhecimento produzido nas universidades a serviço de aprimorar a extração de mais-valia.

No entanto, diferentemente de outras instituições da burguesia que deverão ser simplesmente destruídas numa revolução, o conhecimento acumulado nas universidades será chave para a construção de uma nova sociedade, colocando-o a serviço da sociedade de transição, atendendo às necessidades da classe operária e de toda a população. Podemos dizer que esse será o momento da superação da "pré-história" das universidades, que são construídas para ser um centro de conhecimento, mas ao mesmo tempo



## FRANÇA 68: O EXEMPLO DE ALIANÇA OPERÁRIO-ESTUDANTIL DE MAIOR TRANSCENDÊNCIA GEOGRÁFICA E HISTÓRICA

Qu seja, se as definições clássicas sobre o movimento estudantil já serviam quando os estudantes representam uma infima fração da sociedade, se potencializam no pós-guerra quando o movimento estudantil muitas vezes conflui com os trabalhadores. Foi o caso do Maio Francês em 1968, Primavera de Praga na Tchecoslováquia no mesmo ano, Cordobazo na Argentina em 1969, no movimento estudantil brasileiro contra a ditadura com seu auge em 1967-1968 e 1977.

Os burgueses parasitários: o proletariado. Não se pode pensar o movimento estudantil como sujeito autônomo que dentro dos marcos da universidade pode conquistar uma transformação profunda. Para isso necessitará unir seu destino ao da única classe social capaz de emancipar-se a si mesma, e assim emancipar ao resto da sociedade, por ser aquela que move todos os fios da economia e aquela na qual se baseiam os lucros dos burgueses parasitários: o proletariado.

Não se pode pensar o movimento estudantil como sujeito autônomo que dentro dos marcos da universidade pode conquistar uma transformação profunda. Para isso necessitará unir seu destino ao da única classe social capaz de emancipar-se a si mesma, e assim emancipar ao resto da sociedade, por ser aquela que move todos os fios da economia e aquela na qual se baseiam os lucros dos burgueses parasitários: o proletariado.

Entre 1968-81, o mundo assistiu a um dos maiores ascensos da classe operária. Neste período, os estudantes tiveram papel fundamental, ligando-se ao proletariado ou antecipando seu ascenso. O maio francês tornou-se referência em todo o mundo. Porém, as deturpações ideológicas feitas pela burguesia e os reformistas tentam amenizar seu aspecto revolucionário, e necessitam mostrá-lo meramente como manifestação hedonista, uma utopia juvenil, cultural, sexual do prazer e dos costumes. É que a aliança operário-estudantil mostrou sua potencialidade ao pôr em xeque um regime imperialista.

conteúdo político desse idealismo vem determinado integralmente pelo gênio da classe da qual procedem os estudantes e a qual retornam;

Esta definição não toma os estudantes como classe social, supõe sua heterogeneidade e sua tendência a polarização e de unir-se a um ou outro lado da barricada a depender da situação histórica.

Com a ampliação dos setores que adentram a universidade e pelos limites impostos pela burguesia, incapaz de dar significativas concessões, esta definição deve ser amplificada: o movimento estudantil agora tende a expressar não somente as contradições das classes de origem, mas do conjunto da sociedade. A burguesia precisa atacar o conjunto das classes para sobreviver, arrastando o conjunto da sociedade à barbárie. Assim, coloca uma base comum de luta contra um mesmo inimigo, forjando um terreno fértil em que o movimento estudantil pode ocupar um papel na luta de classes.

Diferentemente daqueles que resumem a luta estudantil a reivindicações corporativas, nós analisamos o impulso catalisador de contradições sociais, capaz de antecipar conflitos de grande magnitude da luta de classes. Em 1930, Trotsky diz sobre os estudantes na Espanha:

Quando a burguesia renuncia consciente e obstinadamente a resolver os problemas que se derivam da crise da sociedade burguesa, quando o proletariado não está ainda pronto para assumir esta tarefa, são os estudantes os que ocupam o cenário. No desenvolvimento da primeira revolução russa, observamos este fenômeno mais de uma vez; e este fenômeno sempre tem para nós um significado enorme e sintomático. Esta atividade revolucionária ou semi-revolucionária significa que a sociedade burguesa atravessa uma crise profunda. A juventude pequeno-burguesa sentindo que uma força explosiva se acumula, nas massas tende a encontrar, à sua maneira, a saída deste atoleiro, e a acelerar o desenvolvimento político; e continua: "Ao apoiar o movimento estudantil os operários espanhóis mostram um positivo instinto revolucionário. Ainda que, obviamente, devam atuar sob sua própria bandeira e sob a direção de sua própria organização proletária."

A hegemonia ideológica da burguesia na universidade sustentada na burocracia acadêmica serve à manutenção de sua hegemonia social. Daí que o surgimento de um movimento estudantil que não lute meramente por "espaços"



O CARÁTER INTERNACIONAL DA CRISE DA UNIVERSIDADE E O "NEOLIBERALISMO"

A derrota deste último ascenso abriu espaço para uma ofensiva econômica, ideológica e militar: o neoliberalismo. No plano ideológico fez desaparecer a revolução social, baseado-se no individualismo, na exaltação do mercado

opções do capital.

É fato que estes operários e estudantes não puderam vencer. Mas tiveram o mérito de ser a ponta de lança de uma década revolucionária. As lutas ocorridas entre 1968-81 criaram uma nova situação. Particularmente nos países imperialistas, as massas obtiveram algumas conquistas, entre as quais mudanças na estrutura de ensino. Como afirmamos, a luta de classes condiona permanentemente as

do PCF, a chamar a greve geral<sup>7</sup>.

com os jovens trabalhadores se unindo às fileiras das barricadas de 10 de maio, a "Noite das Barricadas"; "é certo que em vários lugares conhecidos da cidade [de Paris] houve jo-vens dos meios operários que foram lutar quando tomaram conhecimento do que se passava". A luta estudantil contra a repressão policial e o governo de De Gaulle incendiaram o meio operário, obrigando a CGT, dirigida pelos stalinistas

lando no movimento operário francês nos anos anteriores. A perspectiva estratégica do movimento estudantil de 68 foi fundamental para se estabelecer contato com a juventude operária e, por esta via, com aqueles que faziam greve e ocupavam as fábricas. Essa aliança se deu primeiramente no plano programático e estratégico, compreendendo a centralidade dos trabalhadores para a revolução. Mas a primeira ação entre operários e estudantes se deu

Era um movimento estudantil que surgia num contexto convulso: as mudanças na universidade, o fim do crescimento econômico, a guerra do Vietnã. Era uma geração que tinha assistido nove anos antes à revolução cubana, há dezenove à revolução chinesa, e tinham o ideal da revolução na ordem do dia, e não no "horizonte". O debate na vanguarda era qual a estratégia para a revolução. Neste cenário se forjou um movimento estudantil em combate contra o imperialismo (que na França significava também o combate à opressão sobre a colonizada Argélia), os fascistas, a polícia e num questionamento profundo dos valores burgueses. Ou seja, era um movimento estudantil essencialmente político, que levantava bem alto as bandeiras dos mais oprimidos e explorados da sociedade, a ponto de fazer explodir a pólvora que vinha se acumulando.

jeito social da revolução.

No movimento estudantil, a reação ideológica contra o marxismo se reflete no surgimento de correntes que dissolvem o político no social, negam a centralidade da classe operária, a organização partidária e a estratégia de tomada do poder<sup>8</sup>.

Transformaram o retrocesso do movimento operário numa nova ideologia social e política da resignação ante um capitalismo invencível. Estas "novas teorias" tiveram como respaldo uma realidade em que a classe operária, após ser derrotada em seu ascenso, vinha sendo atacada objetivamente. Foi desta realidade que surgiram as teses sobre o fim do trabalho e da classe operária enquanto su-

Este "espírito de época" foi lançado desde a academia por um ataque ao marxismo, dando lugar a teorias pós-modernas, pré-marxistas, utópicas ou até as abertamente reacionárias. A restauração capitalista na ex-URSS marca seu ponto alto. Os neoconservadores acreditavam ter vencido a "guerra fria" e preparavam-se para impor um "novo século americano". Segundo estes, a luta de classes teria perdido a sua centralidade para dar lugar a movimentos de gênero e identitários que desconectados por completo da perspectiva revolucionária poderiam atuar livremente na "democracia liberal".

e na destruição da identidade de classe, atingindo profundamente as últimas gerações que nunca viram uma re-

Assim como no mundo do trabalho, as universidades sofreram reestruturações para atender às novas necessidades do capital. Estas transformações deram início a um processo de "contra-reforma" ocorrido nas universidades de todo o mundo. Os ataques, que aconteceram de forma desigual e combinada, tiveram início nos países imperialistas em meados dos anos 1980 e se estenderam aos países semicoloniais a partir dos anos 1990. O seu avanço dependia da situação política de cada país e do estado de agitação da classe operária e dos estudantes.



FHC seguiu à risca as orientações de organismos internacionais como o Banco Mundial<sup>14</sup> e teve como eixo a "massificação das universidades privadas"<sup>15</sup>: de 1994/2001 o número de matriculados nestas instituições cresceu 115,5%, bem acima das federais (38,5%), estaduais (53,9%) e municipais (-16,6%). Hoje, 74,5% dos universitários estão em instituições particulares.

Poderíamos dizer, em linhas gerais, que a crise da universidade brasileira tem dois aspectos fundamentais: o primeiro é do ponto de vista da burguesia, que necessita de formação de mão-de-obra qualificada e produção de ciência e tecnologia, consumindo o mínimo de recursos do Estado. O segundo é do ponto de vista da população, que anseia (ainda que de forma passiva) pela democratização do acesso. É nesse marco que devemos encerrar a política dos governos, as tendências a ataques, mobilizações e eventualmente concessões.

A expansão de FHC não conseguiu mais do que provocar um crescimento anárquico das privadas, sem resolver a crise da universidade, e acumula contradições que tendem a aprofundá-la. Do ponto de vista burguês, a baixa-síma qualidade das privadas segue não atendendo a necessidade de mão de obra qualificada da burguesia. E obviamente que do ponto de vista do anseio democrático de acesso da população é que a expansão privatista de FHC não pôde responder, devido ao alto custo das mensalidades para cursos de baixa qualidade.

Foi esse duplo aspecto da crise da universidade brasileira que Lula conseguiu explorar, desarmando o movimento estudantil. A questão é que ele aplica o fundamental da linha "neoliberal" de FHC, mas o último ciclo de crescimento econômico o permitiu fazer algumas concessões e apresentar um "neoliberalismo menos selvagem". Para sua política, contou com a enorme colaboração das burocracias sindicais e estudantis, que conseguiram se apoiar nesse discurso para ganhar base social<sup>16</sup>.

Assim, Lula implementou um plano que aprofunda a relação da universidade com os interesses dos capitalistas, mas apresentando à população como um "projeto popular", principalmente com o REUNI<sup>17</sup>. É que a universidade pública brasileira é tão elitista que não é contraditório uma expansão (sucateada) com o plano burguês de formação de mão de obra e a instrumentalização do conhecimento. É por isso que Lula conquistou certo consenso em sua base burguesa para esse projeto.

## PARTICULARIDADES DA CRISE DA UNIVERSIDADE NO BRASIL

No entanto, no final dos anos 90, o "neoliberalismo" com uma origem a novos fenômenos de luta de massas, combinado com uma crise da hegemonia do imperialismo norte-americano que vem levando hoje a uma crise econômica de proporções catastróficas. Este início de novo século mostra que a história está longe de acabar...

O fato é que a partir dos anos 60 a universidade de massas se tornou uma instituição "dissfuncional" desde o ponto de vista puramente econômico: grandes gastos para capacitar intelectuais e profissionais que não teriam lugar no processo produtivo. Desde o ponto de vista burguês, era uma situação que precisava mudar... mas que não conseguia tocar no momento. Assim, e de mãos dadas com a onda reacionária também no plano ideológico, as universidades cumpriram importante papel de "cooptar" a periferia-burguesa, em troca de manter suas ilusões de ascenso social aliada à burguesia (ainda que esse ascenso seja cada vez mais utópico). É em base a isso que caracterizamos a existência de uma crise da universidade.

A universidade brasileira sempre foi uma instituição de caráter reacionário e conteúdo social restritivo<sup>11</sup>. Diferente do restante da América Latina, o ensino superior no Brasil só começou a se consolidar a partir de 1930. A expansão de 1968 a partir da reforma da ditadura foi tardia em relação à tendência internacional do pós-guerra (já se dá num marco de crise da universidade) e esteve mais ligada às necessidades do "milagre econômico" dos '70.

Pouco se mudou na estrutura do sistema de ensino superior brasileiro no período que se estende de 1980 a 1994. Ainda estava muito presente o ascenso operário que deu origem ao PT e a CUT e teve seu auge de 78 a 80. Para dar fim a este ascenso, a burguesia pactou com o PT uma transição para o regime democrático, garantindo o seu domínio sobre as demais classes, abrindo caminho para o chamado "neoliberalismo"<sup>12</sup>.

A principal particularidade brasileira da crise da universidade é que a massificação foi extremamente limitada e tardia, sendo que a expansão de FHC já se dá ligada ao processo de reestruturação produtiva, visando aumentar o número de profissionais qualificados e transformar a universidade em um novo nicho de valorização do capital<sup>13</sup>.



# OS LIMITES DAS RESPOSTAS DA ESQUERDA

Tentamos aqui demonstrar a complexidade da tarefa de atuar cientificamente frente à crise da universidade na busca por sua radical transformação. Desde a ocupação da USP de 2007, os estudantes vêm demonstrando uma re-novada disposição de luta para defender a universidade pública, com uma grande potencialidade para avançar num questionamento mais profundo da universidade. É por isso que atuamos em cada um desses processos por mais mínima que seja a demanda, mas sempre buscando aportar com um programa e uma estratégia capaz de superar a tradição petista que segue tendo forte peso no movimento estudantil, e vem imprimindo sua marca com uma série de derrotas ou vitórias parciais que são tiradas com a

outra mão no momento seguinte.

Aqui, nossa polêmica é com as principais correntes que se colocam no campo da luta contra o governo e a burocracia do PT e do PCdoB, mas que terminam sendo caudatárias dessa tradição: o PSOL, e em outro nível o PSTU. Estas correntes têm peso dirigente em várias lutas e entidades, mas não têm sido capazes, apesar das diferenças que têm entre si, de aportar para que as lutas por demandas mínimas sejam efetivamente vitoriosas, menos ainda de elevá-las ao questionamento do regime universitário. Assim, levam o movimento estudantil ao beco sem saída da defesa da universidade tal como ela é, elitista, racista e moldada pela ditadura militar, sem nunca conseguir defendê-la efetivamente. A expressão dessa adaptação no programa é que essas correntes seguem defendendo meramente a "universalidade pública, gratuita e de qualidade", sem nunca questionar o fato do elemento "massiva" ser sempre inexistente. O resultado disso foi que o governo Lula com seu curso demagógico ficou com a bandeira da democratização do acesso frente à população. Quer dizer, fora dos estreitos muros da universidade, o governo se fortaleceu e isolou o movimento estudantil frente à sociedade. Nossa posição não é a de que estavam dadas todas as condições para que o movimento estudantil derrotasse o governo e impusesse um novo projeto de universidade, ligado à luta pelo fim do vestibular e estatização das particulares. Mas que o problema é que a esquerda sequer se deu conta de que poderia como mínimo educar amplos setores do movimento estudantil numa nova tradição que resgatasse o melhor das lutas das grandes lutas estudantis de romper o corporativismo e atuar como sujeito político levantando as bandeiras da sociedade.

Para nós, não foi uma surpresa que o PSOL não se colocasse essa tarefa, já que diz querer transformar a universidade (ainda que em chave reformista), mas é uma caricatura do petismo e tem nas suas correntes majoritárias (Ação Popular Socialista e o Movimento de Esquerda Socialista) uma nova burocracia estudantil, que pouco se diferencia da burocracia tradicional.

Porém, lamentável foi ver o PSTU, que se reivindicava revolucionário e por vezes até coloca nos seus panfletos a defesa de uma universidade a serviço dos trabalhadores atraindo setores combativos, se adaptar à tradição da "miséria do possível" por não refletir sobre questões fundamentais, guiando sua política por acordos com o PSOL (tal como fazia com o PT).

Outro problema chave é que estas correntes centram suas forças na disjuntiva UNE x CONLUTE (e a derivada desse debate: a "Frente de Luta Contra a Reforma Universitária" que reunia o PSOL e PSTU) num debate estéril. Tanto é, que nenhuma dessas "alternativas" serviu realmente para coordenar as lutas nacionalmente, apesar de o PSOL e PSTU estarem na maioria das federais. Agora, finalmente o PSTU concordou com a proposta que fazemos há anos de organizar um encontro nacional de delegados de base ligado a encontros estaduais, para o qual vamos colocar todas as nossas forças para transformá-lo em algo real, combativo, de enfrentamento com a burocracia estudantil e ligado às bases, apesar de ser marcado com meses e meses de antecedência porque o objetivo número 1 do PSTU é formar uma nova entidade com o PSOL. O que está por trás dessa política é uma concepção semiburocrática e superestruturalista, que sobrevaloriza as entidades em detrimento das tendências à auto-organização.

Há ainda um terceiro elemento característico dessas correntes: o ceticismo frente à possibilidade de construir um movimento estudantil anticapitalista e pró-operário. Ou seja, ligado à adaptação à universidade tal como ela é, esta adaptação ao movimento estudantil tal como é, sem aportar para que avance programática e estrategicamente. Em outro pólo, há um setor minoritário que são as correntes que se contentam com uma denúncia testemunhal (apesar de correta) do caráter burguês da universidade. Testemunhal porque seu resultado é que não colocam a necessidade de travar uma verdadeira luta política pela transformação da universidade, ligada a uma profunda luta ideológica contra o conhecimento reacionário nela produzido.

É por isso que podemos dizer que na verdade se tratam de duas faces de uma mesma moeda - oportunismo e



sectarismo – igualmente adaptadas ao regime universitário e funcionais a ele por não se enfrentarem seriamente com seu caráter elitista e racista.

## ESTUDANTES E TRABALHADORES: UMA ALIANÇA ESTRATÉGICA

Quais são as principais questões que o movimento estudantil brasileiro, que ressurgiu a partir da ocupação da reitoria da USP tem que responder e avançar para se constituir como um movimento verdadeiramente novo? A resposta a essa pergunta passa necessariamente por várias questões táticas, organizativas, programáticas e estratégicas. Vamos aqui nos deter nas que nos parecem fundamentais.

Em primeiro lugar, queremos destacar a questão da aliança operário-estudantil em seus distintos níveis. Como desenvolvemos acima, a decadência da sociedade burguesa arrasta o conjunto da sociedade à barbárie e coloca uma base comum entre trabalhadores e estudantes que é a do enfrentamento com um mesmo inimigo.

Só existe uma classe verdadeiramente interessada em lutar pelo acesso público à educação: a classe operária. De certo que os trabalhadores e o povo não têm nenhum interesse em defender uma universidade que forme os gerentes desse sistema baseado na exploração, mas estariam dispostos a defender o acesso à formação de profissionais e intelectuais que sirvam às necessidades das amplas maiorias, como engenheiros e arquitetos que solucionem o problema da moradia, advogados que os defendam frente aos ataques do regime, sociólogos e historiadores que desmistifiquem a ideologia de ocultamento e naturalização da exploração. Frente a esta realidade, o movimento estudantil que é crítico à ideologia oficial não pode deixar de ver que a batalha em defesa da universidade pública (que é uma legítima demanda) só pode ser vitoriosa numa sólida aliança com os trabalhadores. As últimas lutas do movimento estudantil brasileiro comprovaram isso.

O programa que devemos colocar para essa aliança é a defesa da estatização das universidades particulares e pelo fim do vestibular. Alguns dirão que isso é impossível, porém ao olhar a crise das particulares e a maneira que o governo vem injetando dinheiro para salvá-las, sem falar da financeirização de algumas delas, vemos como este é o único caminho para dar uma saída à crise. Isto, por sua vez, só é possível deixando de pagar a dívida externa, o que

liga a luta estudantil às bandeiras antiimperialistas.

Para isso, o movimento estudantil universitário que está profundamente concentrado nas públicas, deverá buscar como aliados os milhares de jovens trabalhadores que estão nas faculdades particulares (rompendo essa divisão à qual a esquerda se adapta) e com os jovens trabalhadores e secundaristas que estão fora das universidades. Essa aliança da juventude é a melhor via para efetivar uma aliança com a classe trabalhadora de conjunto, ligada a um apoio ativo às suas lutas contra o governo, os patrões e a burocracia sindical.

Essa é a aliança social capaz de questionar a universidade burguesa e tornar real a perspectiva estratégica da luta por uma universidade a serviço dos trabalhadores e do povo pobre. Esta batalha só é possível expulsando a burocracia acadêmica que conta com um regime repressivo e antidemocrático, uma verdadeira ditadura docente. Por isso resgatamos a bandeira do poder tripartite com maioria estudantil, num governo universitário aliado às organizações operárias. Isso se liga à necessidade de que o movimento estudantil trave também uma luta ideológica dentro da universidade, defendendo a liberação da ciência das amarras da propriedade privada e em defesa do marxismo.

A luta por uma universidade a serviço dos trabalhadores passa hoje pela batalha por um pacto operário-universitário, que consiste numa disputa para colocar essa instituição a serviço dos interesses da maioria da população. A profundidade desse pacto estará de acordo com a luta de classes.

Como exemplo mais vivo de um pacto deste tipo, no nível de apoio às lutas dos trabalhadores, temos o dos estudantes da Universidade de Comahue e os operários ceramistas de Zanon, fábrica ocupada e gerida sob controle operário desde outubro de 2001 em Neuquén, Argentina, do qual temos orgulho de fazer parte de sua construção. Nas próprias palavras de Raul Godoy, dirigente do Sindicato dos Operários Ceramistas e militante do PTS:

**“**Nós não somos obreiristas. Sempre buscamos a confluência com outros setores populares, em particular os estudantes universitários e secundaristas. Marchamos junto nas ruas e levantamos as bandeiras da juventude. Mas fomos além nessa aliança e encontramos profissionais dispostos a contribuir conosco na produção sob nosso controle e lhes abrimos as portas da fábrica. Arquitetos, engenheiros, economistas e técnicos se puseram a nosso serviço e isso nós valorizamos muito. De nossa parte acreditamos também



## FRENTE À DECADÊNCIA DA UNIVERSIDADE E DA SOCIEDADE: NOS ORGANIZEMOS

tituiu em um centro organizador do chamado CCC (Comando de Caça aos Comunistas). Haverá também as universidades que serão as expressões do nacionalismo burguês ou do reformismo que busca conter a luta de classes e conciliar "pacificamente" o movimento operário e a burguesia. Assim como haverá aquelas onde, não podendo nenhum setor hegemônizar, estarão divididas ao meio ou em vários pedaços representando os distintos setores sociais em luta.

Por fim, queremos remarcar a necessidade de que se tores amplos dos estudantes vejam que avançar na aliança operário-estudantil numa perspectiva anticapitalista só pode se dar de maneira consequente se compreende que o movimento de trabalhadores necessita independência política, colocando de pé um partido próprio, sem padrões nem burocratas. O que nada mais é do que o que Marx apontou no Manifesto do Partido Comunista de que a organização do proletariado como classe, é consequentemente a sua organização em partido político.

Nosso objetivo é construir um movimento de centenas de jovens nacionalmente que possa contribuir para que o movimento estudantil adote uma perspectiva estratégica e que seja dentro da universidade a voz dos trabalhadores. Também chamamos a construir o *Desatai o Futuro*, um boletim de debate marxista, cultura e política, impulsivado pelo Movimento A Plenar Pulmões e independentes. Por fim, num cenário onde entramos numa crise econômica que mostra a decadência do capitalismo, se coloca na ordem do dia a luta pelo socialismo. Nesse marco, nós da LER-UI chamamos os estudantes que se dispõemham,

Zanon, podem desenvolver toda a sua capacidade e conhecimentos científicos sem limites impostos pelos padrões ou seus gerentes. Seu aporte está a serviço de uma produção que busca um benefício social. Este é o segredo e só se pode conseguir quando a classe operária está disposta a tomar em suas mãos o próprio destino e lhes abre assim as portas da liberdade, ainda que seja só por um tempo. Não foi fácil a princípio que todos os operários aceitassem essa colaboração, acostumados a que os profissionais da patronal lhe cortavam todas as iniciativas, os rejeitavam. Mas discutimos isso, amadurecemos e finalmente conseguimos essa cooperação indispensável entre a criatividade operária na produção e os conhecimentos científicos, liberado numa fábrica sem padrões."

Já nos momentos realmente agudos da luta de classes, com o enfrentamento aberto entre revolução e contrarrevolução, a luta pelo Pacto Operário-Universitário, para além da essencial aliança nas mobilizações, significa também refletir e produzir em torno das grandes tarefas históricas da transformação social. Isso quer dizer, investigar e elaborar teórica e praticamente sobre tarefas democrático-estruturais (reforma agrária, emancipação da economia nacional em relação ao capital imperialista, reforma urbana, reforma educacional etc.) que a burguesia chegou a realizar nos países imperialistas, mas que nos países semicoloniais e atrasados ela foi incapaz, deixando-as nas mãos da classe operária; significa refletir e produzir sobre as tarefas de transição do capitalismo para o socialismo (estatização sem indenização e sob controle dos trabalhadores das indústrias e serviços essenciais para a população; planificação da economia, planos de desenvolvimento tecnológico estabelecidos por cientistas, pesquisadores, estudantes e as organizações operárias e camponesas).

Com o recrudescer da luta de classes, as universidades vão necessariamente dividir-se, não só internamente, mas também entre si, regional e nacionalmente. Nas universidades em que os setores que se ligam à revolução e ao movimento operário forem hegemônicos e conseguirem neutralizar ou eliminar os setores que ficam ao lado da burguesia e da reação, poderão se constituir genuínos Pactos Operário-Universitários, nos quais a universidade como instituição se colocaria ao lado dos trabalhadores e da luta pelo socialismo. Mas, da mesma forma, também haverá universidades que serão bastiões da reação, como por exemplo a Universidade Mackenzie em 1968, que se cons-



além de lutar conjuntamente no movimento estudantil, a dar um passo à frente e se somar à tarefa da construção de um partido revolucionário. Leon Trotsky dizia que construir um partido revolucionário

## NOTAS

// *nos dá a maior das felicidades: a consciência de que participamos na construção de um futuro melhor, de que levamos em nossas costas uma porção do destino da humanidade e de que nossas vidas não foram vidas em vão.*

<sup>1</sup> Junto aos ataques, e em estreita relação com eles, pode haver uma política clara de concessões às massas que, a sua vez, permite a burguesia ganhar base social.

<sup>2</sup> Nas palavras de Karl Marx: "[...] o trabalhador, durante parte do processo de trabalho, apenas produz o valor de sua força de trabalho, isto é, o valor dos meios de subsistência de que necessita". "A parte da jornada de trabalho, portanto, em que sucede essa reprodução, eu chamo de *tempo de trabalho necessário*, e de *trabalho necessário* o trabalho despendido durante esse tempo". "O segundo período do processo de trabalho, em que o trabalhador labuta além dos limites do trabalho necessário, embora lhe custe trabalho, dispêndio de força de trabalho, não cria para ele nenhum valor. Ela gera a *mais-valia* [...]". Essa parte da jornada de trabalho chamo de *tempo de trabalho excedente*, e o trabalho despendido nela: *mais-trabalho*" (*O Capital: crítica da economia política*. Vol. I. Livro I. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p.176; grifos nossos).

<sup>3</sup> "O desenvolvimento da força produtiva do trabalho, no seio da produção capitalista, tem por finalidade *encurtar* a parte da jornada de trabalho durante a qual o trabalhador tem de trabalhar para si mesmo, justamente para *prolongar* a outra parte da jornada de trabalho durante a qual pode trabalhar *gratuitamente* para o capitalista" (Ibidem, p.255; grifos nossos). Em suma (e ainda segundo a caracterização de Karl Marx): "a mais-valia produzida pelo *prolongamento* da jornada de trabalho chamo de *mais-valia absoluta*; a mais-valia que, ao contrário, decorre da *redução* do tempo de trabalho e da correspondente mudança da proporção entre os dois componentes da jornada de trabalho chamo de *mais-valia relativa*" (Ibidem, p.251; grifos nossos).

<sup>4</sup> Se quisermos citar um exemplo recente pela direita, temos o movimento estudantil venezuelano e boliviano. Em ambos os países, a direita reacionária tem grande apoio, por vezes ativo, nesses setores. Vale destacar, apesar de não se tratarem de governos revolucionários, e sim governos com traços nacionalistas burgueses ou frente-populistas.

<sup>5</sup> Trotsky, León, "Carta a la redacción de Contra la Corriente", in: *La revolución española*. Ediciones Júcar: Madri, 1977, p. 123.

<sup>6</sup> "Relato de D. Bernard, obrero en Alsthom Saint-Ouen", in: *Mayo francés: cuando obreros y Estudiantes desafiaron al poder. Reflexiones y documentos*. Buenos Aires: CEIP, 2008.

<sup>7</sup> Para um debate mais profundo sobre 1968 ver nossos artigos e materiais: "Vanguarda e movimento estudantil em 1968", publicado no Jornal Palavra Operária n. 39, e os filmes dos Grupos Medvedkine lançados no Brasil em forma de DVD pela LER-QI e Movimento A Plenos Pulmões.

<sup>8</sup> Ver o "Dossiê: debates sobre la vigência de su práxis revolucionaria", in: *Lucha de Clases: revista de teoría e política marxista*, no. 6.

<sup>9</sup> O toyotismo ou a reestruturação produtiva deu origem ao trabalho precário e temporário, a flexibilização das leis trabalhistas, a terceirização, o desemprego estrutural que ficou em torno dos 10% da população economicamente ativa, e outras medidas, debilitando profundamente a força de contestação dos trabalhadores.

<sup>10</sup> Apesar de apresentarem particularidades, a ofensiva imperialista nos anos 1990 sobre as universidades das semicolônias tinha como núcleo comum as orientações de seus organismos internacionais, como o FMI, a OMC e o Banco Mundial. Estas políticas resumem-se em: 1. possibilitar um desenvolvimento de instituições privadas e não-universitárias de ciclos curtos, para formar mão-de-obra necessária ao mercado de trabalho; 2. financiamento das públicas via convênios com as grandes empresas, com prestação de consultorias e pesquisas; 3. diminuição da autonomia universitária para possibilitar maior intervenção do governo sobre as universidades. Na década passada assistimos as primeiras tentativas da burguesia em responder a crise da universidade.

<sup>11</sup> Quando comparamos os dados do Brasil com os de outros países, fica evidente este caráter reacionário: em 2003, apenas 11% da população brasileira entre 18 e 24 anos estava matriculada no ensino superior, índice inferior à Bolívia (22%), Colômbia (23%) e